

**Estéticas da vigilância digital: articulações com o Instagram***Digital surveillance aesthetics: articulations with Instagram*

Raquel Assunção OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Josenildo Soares BEZERRA<sup>2</sup>

**Resumo**

Neste estudo, é investigada se a rede social digital Instagram está relacionada à/s estética/s da vigilância contemporânea/s nos estudos acadêmicos, e de quais modos essa relação acontece. Tal problemática parte de um interesse de pesquisa voltado para o exame do como os atuais regimes de visibilidade remodelam e são remodelados pela cultura capitalista de vigilância contemporânea. Para tanto, é trabalhada a estratégia metodológica de Revisão Integrativa, realizando o cruzamento dos termos *estética/s da vigilância* — em português, espanhol e inglês — e *Instagram*. A análise qualitativa dos textos revelou uma diversidade de temáticas e abordagens, a recorrência de referências às reflexões teórico-conceituais de autores como Michel Foucault (2014), Fernanda Bruno (2010, 2013) e Giselle Beiguelman (2021), além de constantes alusões a artistas e obras que provocam o olhar do/a espectador/a acerca da naturalização da cultura da vigilância com seus dispositivos, linguagens e estéticas.

**Palavras-chave:** Estéticas da vigilância. Instagram. Vigilância. Estética. Visibilidade.

**Abstract**

In this study, it is investigated whether the digital social network Instagram is related to the contemporary surveillance aesthetics in academic studies. This issue stems from a research interest aimed at examining how current regimes of visibility reshape and are reshaped by the contemporary capitalist surveillance culture. Therefore, the methodological strategy of Integrative Review is worked on, crossing the terms *surveillance aesthetics* — in Portuguese, Spanish and English — and *Instagram*. The qualitative analysis of the texts revealed a diversity of themes and approaches, the recurrence of references to the theoretical-conceptual reflections of authors like Michel Foucault (2014), Fernanda Bruno (2010, 2013) and Giselle Beiguelman (2021), as well

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN. E-mail: assuncaoaraqueloliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Estudos da Linguagem no PPgEL - UFRN. Professor no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). E-mail: josenildo.bezerra@ufrn.br

as constant allusions to artists and works that provoke the spectator's gaze about the naturalization of the surveillance culture with its devices, languages and aesthetics.

**Keywords:** Surveillance Aesthetics. Instagram. Surveillance. Aesthetics. Visibility.

## Introdução

O tema da vigilância foi e continua sendo interesse de estudo de autores/as das diversas áreas do conhecimento. Nesse debate, é notória a contribuição de Michel Foucault. Na obra *Vigiar e Punir*, o filósofo apresenta uma história dos meios de punição e vigilância através da história dos corpos, investigando as produções de saber-poder tensionadas em diferentes disciplinas, como a Medicina, o Direito e a Educação (FOUCAULT, 2014).

A partir de estudos como esse, outros/as pesquisadores/as seguem dialogando com suas teorizações, seja em concordância, oposição ou buscando um alargamento e atualização de seus pressupostos para a realidade contemporânea, em vários aspectos distinta do cenário Moderno sobre o qual Foucault dissertou — sendo a digitalização um dos atributos mais significativos, qualidade já problematizada por Deleuze (2013) em seu ensaio sobre as sociedades de controle.

Independentemente da articulação trabalhada, a visibilidade continua sendo uma armadilha (FOUCAULT, 2014, p. 194), um importante mecanismo de operacionalização da vigilância, mas a partir de outras táticas, com a adição de novos atores e operacionalizada por outras tecnologias. Algumas dessas tecnologias são as redes sociais digitais, dentre as quais enquadra-se o Instagram, palavra-chave importante na realização deste estudo.

Portanto, neste trabalho é proposta uma reflexão acerca das pontes possíveis entre as estéticas da vigilância contemporânea e o Instagram. Qual ou quais relações desprendem-se de ambos? Os estudos acadêmicos trazem pistas nesse sentido? Segue-se a hipótese de que o Instagram apresenta-se enquanto um espaço privilegiado para a manutenção dos regimes de visibilidade contemporâneos, intrinsecamente relacionados à atual *cultura capitalista de vigilância*, um termo aqui adotado buscando aproximar as reflexões teórico-conceituais de David Lyon (2018) e Shoshana Zuboff (2020) acerca,

respectivamente, do que eles apresentam enquanto cultura da vigilância e capitalismo de vigilância.

Criada em 2010, a princípio sob o nome de *Burbn*, já em dezembro do mesmo ano o Instagram alcançou a marca de 1 milhão de usuários/as, número que saltou para 10 milhões no ano seguinte (FRIER, 2020). Em 2021, o aplicativo contava com 1,3 bilhão de usuários/as ativos/as, sendo a quarta rede social mais popular do mundo em número de usuários/as, atrás apenas do Facebook, YouTube e WhatsApp (DEAN, 2021).

Desde seu nascimento, marcado pela proposta de compartilhamento de imagens fotográficas, o Instagram segue sendo palco de debates por parte de usuários/as, pesquisadores/as e artistas acerca das fronteiras entre o público e privado, intimidade e exposição. Hoje, a plataforma conta também com a dimensão audiovisual, equipada com recursos cada vez mais robustos de captação e edição de imagens que extrapolam o modo inicial de publicação de fotos em formato quadrado, distribuindo-se em outras possibilidades de publicação, como são os álbuns de fotos, vídeos verticais de maior duração (ferramentas *IGTV* e *Reels*) e vídeos verticais efêmeros de curta duração (*Stories*).

Do ponto de vista metodológico, para este trabalho é realizada uma Revisão Integrativa. Trata-se de um instrumento de pesquisa focado na coleta de um conjunto de dados em bases de dados secundárias, com sua consequente análise qualitativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Tal estratégia metodológica é recorrentemente trabalhada em pesquisas na área da Comunicação, como pode ser identificado nos artigos *Avaliação de campanhas de saúde* (ARAÚJO et al, 2020) e *A publicidade no contexto das postagens efêmeras no Instagram* (ABREU; LACERDA, 2020), por exemplo.

Emprende-se uma tentativa que não visa ser totalizante, mas que proporcione um olhar transversal sobre a produção científica que traz os termos *estética/s da vigilância* e *Instagram* no seu corpo. Tal estratégia, inicialmente de aspecto hermético, surpreendeu, revelando um *corpus* de análise plurilíngue e transdisciplinar, reunindo sob uma mesma lente trabalhos de diferentes países, provenientes de diferentes áreas do conhecimento e cuja totalidade dificilmente seria mapeada através de outros caminhos.

## Aspectos metodológicos

As pesquisadoras Souza, Silva e Carvalho (2010) detalham didaticamente o método da Revisão Integrativa, organizando-o nas seguintes fases: 1) elaboração da pergunta norteadora, ou seja, de um problema inicial de pesquisa; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados e 6) apresentação da revisão integrativa.

Neste estudo, parte-se da seguinte pergunta norteadora: de que modo o Instagram relaciona-se com a/s estética/s da vigilância contemporânea? — uma pergunta que não se esquivava de questionamentos como: Como essa relação é entendida ou problematizada nos estudos acadêmicos? Há uma conceituação para o termo *estética da vigilância*? Tais problemáticas surgem a partir de uma investigação mais ampla, em curso, voltada para a compreensão da via dupla que atravessa e remodela os regimes de visibilidade e vigilância na cultura contemporânea.

Intencionando explorar a questão norteadora, foram consultados os portais e agregadores Scielo, Anais da Compós<sup>3</sup> e Google Acadêmico<sup>4</sup>. Neles, foram pesquisados os termos *estética da vigilância*, *estéticas da vigilância*, *surveillance aesthetics*, *estética de la vigilancia* e *estéticas de la vigilancia*, respectivamente em português, inglês e espanhol. Na plataforma Scielo, somente um trabalho foi localizado — um artigo que, vale mencionar, também apareceu nos resultados de pesquisa do Google Acadêmico. Já nos anais da Compós, apesar da presença de trabalhos que versam isoladamente sobre estética ou vigilância, sobretudo nos GTs Estéticas da Comunicação e Comunicação e Experiência Estética, nenhum artigo apresenta o termo *estética/s da vigilância* em seu título ou corpo do texto.

Na condução desse estudo, optou-se por um recorte temporal amplo, de 2000 a 2021, posto ser do ano 2000 o mais antigo artigo rastreado, assim como o ano a partir do qual os Anais da Compós estão disponibilizados na íntegra na plataforma Galoá, acessada a partir do site oficial da Associação. Com isso, obteve-se o total de 87 textos, distribuídos entre artigos em periódicos, na mídia ou em anais de eventos científicos, livros, capítulos de livros, teses, dissertações, monografias, resenhas, resumos e entrevistas. Destes, 42

---

<sup>3</sup> Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

<sup>4</sup> A extração foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2021.

estão em inglês, 36 em português e 9 em espanhol. Desse conjunto, foram desconsideradas as resenhas e resumos, por versarem diretamente acerca de uma outra obra, já mapeada, assim como os artigos publicados na mídia, dado seu caráter não acadêmico.

Frente a esse alto volume de dados, na sequência foram filtrados apenas os artigos que também mencionam o termo *Instagram*, o que resultou num conjunto de 12 textos, conforme pode-se observar na Tabela 01, abaixo.

TABELA 01  
Amostragem da Revisão Integrativa, ordenada pelo ano de publicação

Texto	Autores	Gênero	Ano	País <sup>5</sup>	Área
Éthos em rede: dinâmicas, apropriações e implicações éticas do éthos conectado no Facebook	PEREIRA, Marília	Dissertação	2016	BRA	Comunicação
Da cidade interativa às memórias corrompidas: arte, design e patrimônio histórico na cultura urbana contemporânea	BEIGUELMAN, Giselle	Tese (livre-docente)	2016	BRA	Arquitetura
Mídias sociais digitais e pedagogias da vigilância: o caso do dublador Márcio Seixas	ANDUEZA, Nicholas; MELLO, Carlos	Artigo (anais)	2018	BRA	Comunicação
<i>Surveillance through media, by media, in media</i>	BOLIN, Göran; JERSLEV, Anne	Artigo (periódico)	2018	SUE DIN	Comunicação
Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais	FLACH, Roberta; DESLANDES, Suely	Artigo (periódico)	2019	BRA	Saúde Pública
<i>Approaches to Surveillance in Contemporary British Television Comedy</i>	CLAYTON, Stephanie	Tese	2019	RU	Filosofia
Economia criativa em tempos de pandemia: o caso do Museu do Isolamento no Instagram	CORSO, Aline; ÁVILA, Camila; KUKUL, Vanessa	Artigo (anais)	2020	BRA	Comunicação Turismo
<i>The Art of Surveillance: Surveying the Lives and Works of Andy Warhol and Ai Weiwei</i>	DAVIES, Hugh	Capítulo de livro	2020	AUS	Design
<i>La erosión de la mirada: Reflexiones sobre la intimidad en la era de la vigilancia</i>	MACIOSZEK, Robinson	Dissertação	2020	ESP	Belas Artes

<sup>5</sup> Da universidade de vínculo dos autores do texto.

Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera	BEIGUELMAN, Giselle	Livro	2021	BRA	Artes Visuais
<i>Artsoundveillance</i> : hibridização entre arte sonora e <i>artveillance</i>	ALVES, Lorena	Tese	2021	BRA ESP	Artes Visuais História das Artes
<i>On the street: photography and the city</i>	BRETT, Donna	Capítulo de livro	2021	AUS	História das Artes

Fonte – Autoria própria.

A partir dessa extração cruzada, para esclarecer a pergunta norteadora foi realizada uma análise qualitativa, observando e discutindo em quais contextos e abrigando quais sentidos ambos os termos — *estética/s da vigilância* e *Instagram* — aparecem empregados no corpo do texto, concomitante a uma investigação do se e como eles estão relacionados.

## Discussões

Um dos trabalhos mapeados, a dissertação *Éthos em rede: dinâmicas, apropriações e implicações éticas do éthos conectado no Facebook* (PEREIRA, 2016), apresenta um aspecto recorrente desde o conjunto anterior dos textos coletados, a saber: daqueles que continham apenas o termo *estética/s da vigilância*, ainda sem o filtro do termo *Instagram*. Trata-se do emprego da expressão *estética/s da vigilância* em menção direta à produção da pesquisadora Fernanda Bruno (2013).

No trabalho de Marília Pereira, as questões levantadas por Bruno (2013) no livro *Máquinas de ver, modos de ser* são apresentadas em diálogo com as teorizações de Paula Sibilia (2016) acerca da espetacularização da intimidade para refletir acerca da externalização da vida íntima enquanto uma estratégia narrativa de distinção de si em relação aos demais. O foco da pesquisa está na rede social Facebook, entendida como uma ambiência digital que “instaura um regime de visibilidade (BRUNO, 2013) causador de impactos diretos para o modo como os atores sociais estruturam, comunicam e fazem a manutenção de suas identidades em rede” (PEREIRA, 2016, p. 10), de modo que o Instagram é mencionado apenas para ilustrar as possibilidades que o Facebook oferece de compartilhamento simultâneo de seu conteúdo em outras plataformas digitais.

O artigo *Abuso digital ou prova de amor?*, de Roberta Flach e Suely Deslandes (2019), apresenta a *estética da vigilância* entre aspas, em citação direta ao trabalho de

Bruno (2013). Nele, assim como pôde ser identificado na tese de Pereira (2016), o termo é trabalhado para referir-se à íntima conexão entre público e privado:

Estariamos vivendo a “Era do Exibicionismo” [...]. Há, portanto, um embaralhamento entre as fronteiras do controle e da visibilidade, do público e do privado, que se retroalimentam e constituem simultaneamente uma “estética da vigilância”, convidando todos a serem ao mesmo tempo controladores e controlados. (FLACH; DESLANDES, 2019, p. 2)

Essa linha de raciocínio é particularmente relevante para esse estudo na medida em que deságua na menção às dinâmicas de sociabilidade e exposição digitais engendradas pelas redes sociais digitais (dentre as quais insere-se o Instagram), entendidas como indissociáveis das suas “arquiteturas tecnológicas” (FLACH; DESLANDES, 2019, p. 3) — portanto, inevitavelmente algorítmicas.

A pesquisadora Giselle Beiguelman (2016) também faz menção ao pensamento de Fernanda Bruno (2013) no subcapítulo *Estéticas da vigilância*. O termo é trabalhado por ela como uma espécie de guarda-chuva, reunindo um conjunto de iniciativas governamentais e artísticas alicerçadas em tecnologias de vigilância.

Do sistema *Detecta*, desenvolvido pela Microsoft para a polícia nova-iorquina na intenção de monitorar e prever “padrões de crimes”, ao projeto *Street Ghosts*, do artista italiano Paolo Cirio, e que consistia na reprodução em lambe-lambes de tamanho real de pessoas que apareciam nas imagens do Google Street View no preciso local em que foram fotografadas pelos carros-câmeras da empresa, Beiguelman, não apenas neste subcapítulo, como em toda sua tese, apresenta um conjunto de projetos representativos da cultura urbana contemporânea, entendida de modo indissociável das atuais dinâmicas de automação e programação algorítmicas. Dentre os exemplos apresentados, há também aqueles ligados diretamente ao Instagram, como é o caso do projeto *Selfiecity* (2014), desenvolvido por Lev Manovich com seu grupo de pesquisa Software Studies, e que reuniu autorretratos (*selfies*) realizadas por pessoas em São Paulo, Nova York, Moscou, Berlim e Bangkok. Nas reflexões de Beiguelman, o Instagram apresenta-se como parte do “planeta midiático” (BEIGUELMAN, 2016, p. 121) que é o Facebook, além de estar diretamente ligado à *Selfie Generation*, produtora de um “vocabulário visual (...) repetitivo e padronizado” (ibidem, p. 79).

Essa conexão entre as *estéticas da vigilância* e o *Instagram* aparece novamente, num trabalho subsequente da mesma autora: o livro *Políticas da imagem: vigilância e*

*resistência na dadosfera* (BEIGUELMAN, 2021). Nele, Beiguelman aprofunda a costura entre os exemplos artísticos-midiáticos e suas reflexões teóricas, ao apontar, por exemplo, a diferença entre o sistema panóptico foucaultiano, marca da sociedade disciplinar moderna, e a atual sociedade de controle, numa clara alusão às já apresentadas ideias de Deleuze (2013).

Outro aspecto notável na obra da autora é o amadurecimento e clareza no uso do termo *estética da vigilância*, entendida como reflexo do fato de ser a *vigilância* o novo “horizonte estético da cultura urbana contemporânea” (BEIGUELMAN, 2021, p. 67): uma cultura fundada não mais na ameaça da vigilância, mas alicerçada exatamente pelo medo de desaparecermos dos atuais regimes de visibilidade. A autora complementa: “se podemos falar em uma estética da vigilância, é porque seus dispositivos constituem linguagens, retóricas visuais e formatos de expressão artísticas” (ibidem).

A própria Beiguelman (2020) segue sendo um nome importante dentre os textos localizados, como foi observado no artigo *Economia criativa em tempos de pandemia* (CORSO; ÁVILA; KUKUL, 2020). Nele, a autora é citada para contextualizar o cenário pandêmico contemporâneo, contaminado por uma verdadeira pandemia das imagens, em muito caracterizada pelas estéticas da vigilância. Nesse trabalho, o Instagram está intrinsecamente relacionado ao objeto de estudo, o perfil *@museudoisolamento*, e é entendido sobretudo a partir de sua face positiva, de estímulo à democratização cultural e de alargamento de outros caminhos para a circulação e consumo artísticos.

Por sua vez, no artigo *Mídias sociais digitais e pedagogias da vigilância* (ANDUEZA; MELLO, 2018), o Instagram é citado numa única ocasião — ao lado do Facebook, YouTube e Twitter —, ilustrando as possibilidades de pervasividade que as imagens dos sistemas de segurança podem alcançar em conexão com a *web*. O termo *estética da vigilância* também aparece apenas uma vez, e no resumo. No trabalho, os autores descrevem um conjunto de elementos estéticos audiovisuais que evocam a vigilância (como enquadramento e montagem) num vídeo disponibilizado no YouTube, o que engendra o debate acerca de questões de privacidade e vigilância entre os sujeitos conectados *online*.

De modo similar, mas acrescido de uma preocupação em conceituar o termo, Stephanie Clayton (2019) também trabalha a estética da vigilância no âmbito da produção audiovisual. No seu texto *Approaches to Surveillance in Contemporary British Television Comedy*, Clayton analisa quatro programas televisivos de comédia — *Scot Squad*, *People*

*Just Do Nothing*, *Mrs. Brown's Boys* e *Miranda* —, investigando a relação entre a atual sociedade de vigilância e a estética recorrente nas séries britânicas do gênero cômico, construindo a tese de que tal reincidência reflete uma sociedade que passou a entender a vigilância como necessária. Esse percurso a leva até uma definição da *surveillance aesthetics*, entendida de modo restrito ao audiovisual, dando conta do conjunto de “técnicas de filmagem, elementos de mise-en-scène e iconografia sugestivas da vigilância. Tanto nos programas de ficção como de não ficção.” (CLAYTON, 2019, p. 44). A menção ao Instagram aparece mais à frente, ao lado dos *reality shows* e *selfies*, como sendo uma modalidade de atualização das confissões e diários do passado, contribuindo para alimentar o desejo autovigilante de ser visto.

É também de maneira estrita ao seu objeto de estudo — desta vez, as práticas de fotografia de rua —, que o Instagram é mencionado no texto *On the street*, de Donna Brett (2021). Na pesquisa, a plataforma está presente na contextualização de que, hoje, qualquer indivíduo com acesso a um *smartphone* pode fotografar e postar nas suas redes sociais. Para tanto, menciona o exemplo do projeto *Humans of New York*, cujo criador, Brandon Stanton, explora o Instagram enquanto uma importante ferramenta para a disseminação da sua fotografia de rua. Já a questão da estética da vigilância é trazida na porção final do texto, num breve debate sobre ética e legislação na fotografia de rua. Nesse ponto, é mencionada uma campanha “antiterrorismo” realizada pela Polícia Metropolitana de Londres, cujos pôsteres diziam: “Milhares de pessoas fotografam diariamente. E se uma delas parecer estranha?”<sup>6</sup> (BRETT, 2021, 307). Isso levou a uma enxurrada de protestos por parte dos fotógrafos, denunciando o caráter racista e de criminalização da fotografia artística de tal campanha. A autora finaliza listando alguns fotógrafos contemporâneos que exploram criticamente as *surveillance aesthetics* nos seus trabalhos, a saber: diCorcia, Sophie Calle, Shizuka Yokomizo, Arnie Svenson, Anne Zahalka, Cherine Fahd e Narelle Autio.

A menção ou mesmo a centralidade conferida a peças artísticas foi recorrente no conjunto de trabalhos analisados. No texto *The Art of Surveillance*, Hugh Davies (2020) afirma que os trabalhos *Empire* (1964) e *Sleep* (1963), ambos de Andy Warhol, foram os responsáveis por estabelecer o interesse do artista nas *surveillance aesthetics*, mesmo antes do seu emblemático curta *Outer and Inner Space* (1966), que tem a qualidade de

---

<sup>6</sup> No original: “Thousands of people take photos every day. What if one of them seems odd?”

sobrepôr "vigilância tecnológica com voyeurismo de celebridades e introduz o trauma de um sujeito vendo a si mesmo sendo observado"<sup>7</sup>. (DAVIES, 2020, p. 157). Warhol apresenta-se então como um precursor, dentro do contexto ocidental dos anos 1950, do trabalho com as imagéticas midiáticas das celebridades, e cuja obra continua ressoando na produção artística contemporânea — agora alicerçada nas redes sociais digitais, como o Instagram, e na vigilância participativa — do chinês Ai Weiwei.

Um exemplo apresentado é o trabalho *Weiweicam* (2012), no qual Weiwei posiciona várias câmeras da sua casa, 24 horas por dia, num projeto que terminou por durar apenas dois dias, cancelado pelas autoridades. Através de trabalhos como esse, Weiwei parece explicitar o fato de que hoje “a grande paranóia não é mais a de estarmos sendo vigiados por observadores invisíveis, mas o terrível medo de que talvez não estejamos sendo observados, que não valha a pena sermos assistidos”<sup>8</sup> (DAVIES, 2020, p. 163).

Na dissertação *La erosión de la mirada*, Robinson Macioszek (2020) reporta-se a um outro conjunto de obras. O Instagram aparece junto ao YouTube enquanto uma das redes responsáveis por mediar a exposição da vida privada face ao público. A partir disso o autor apresenta alguns trabalhos artísticos que operam a partir de questões relativas à exposição da intimidade. O Instagram, em particular, é mencionado na descrição da obra *Excellences and Perfections* (2014), de Amalia Ulman, artista que criou uma falsa personalidade sob seu nome, no Instagram, construindo a narrativa fictícia de uma mulher que foi viver em Los Angeles — e, nesse ínterim, realizou procedimentos estéticos e viveu separações amorosas, dentre outras experiências “inventadas”.

O termo *estética de la vigilancia*, por sua vez, é utilizado por Macioszek (2020) ao referir-se à obra de Banksy. Uma das imagens produzidas pelo artista consiste numa intervenção na réplica de um quadro de paisagem do pintor John Constable, mas com a adição de uma câmera de segurança. Em trabalhos como esse, Banksy questiona a finalidade da vigilância, além de discutir a estética da vigilância, costumeiramente compreendida em contextos urbanos, em forte contraste com a paisagem rural retratada por Constable (MACIOSZEK, 2020, p. 12).

---

<sup>7</sup> No original: “technologically enabled surveillance with celebrity voyeurism and introduces the trauma of a subject watching herself being watched”

<sup>8</sup> No original: “the great paranoia is no longer of being watched by unseen others, but the terrible fear that perhaps we are not being watched, that we are not worth watching.”

Na tese de Lorena Alves (2021), intitulada *Artsoundveillance*, a estética da vigilância é abordada em referência às escolhas artísticas dos trabalhos analisados, como *Áudios vazados* (2018) e *Sala dos Milagres* (2018), ambos de Lorena Ferreira. No primeiro, a artista posiciona uma maleta Samsonite de 1962 conectada a um fone de ouvido característico da década de 1970, compondo uma instalação que convida o/a espectador/a a ouvir as escutas telefônicas interceptadas pela Polícia Federal brasileira na Operação Lava Jato. Provoca, com isso, tensionamentos questões relativas à vigilância sonora.

A já mencionada pesquisadora Fernanda Bruno é então referenciada, em especial a partir das suas reflexões acerca da *estética do flagrante*, entendida como reflexo de um “olhar amoroso que reúne aspectos simultaneamente policiais, libidinais e jornalísticos. (...) Essas imagens têm um efeito de vigilância na medida em que supõem – com mais ou menos intensidade – um olho que vê sem ser visto, incitando o voyeurismo.” (ALVES, 2021, p. 48). Já na instalação *Sala dos Milagres*, a proposta dos artistas Agda Carvalho, Clayton Policarpo, Edilson Ferri, Daniel Malva, Miguel Alonso e Sergio Venancio é chamar os visitantes da exposição a se ajoelharem, como num confessionário, “doando” a imagem dos seus rostos para uma câmera equipada com reconhecimento facial, evocando a relação do/a fiel com o ex-voto no altar religioso. A partir desse gesto, os artistas aproximam as práticas confessionais com a exposição dos indivíduos na Internet.

O Instagram, por sua vez, é trabalhado junto às demais redes sociais de maneira crítica, acrescido da noção de que “são controladas por empresas que detêm os dados pessoais dos usuários que utilizam seus serviços” (ALVES, 2021, p. 263). Há a percepção de que a vigilância contemporânea não opera apenas através de uma mirada verticalizada, mas é fruto da produção e compartilhamento de dados produzidos pelos próprios usuários das redes, que nesse movimento produzem os verdadeiros diários pessoais do mundo conectado, seguindo as pistas de Paula Sibilia (2018).

Os autores Göran Bolin e Anne Jerslev (2018), no artigo editorial *Surveillance through media, by media, in media*, apresentam uma das maneiras possíveis de resistir à vigilância: a arte contemporânea. Ao apropriarem-se das *surveillance aesthetics*, os artistas podem assumir mais controle sobre as tecnologias de vigilância (BOLIN; JERSLEV, 2018, p. 14). Nesse sentido, um exemplo apresentado é a obra audiovisual *How Not to Be Seen: A Fucking Didactic Educational .MOV File* (2013), da alemã Hito Steyerl. De modo irônico, a artista propõe um manual didático para não ser visto/a no

mundo contemporâneo, que inclui soluções que vão desde transformar-se em imagem até mudar-se para condomínios fechados ou bases militares. O Instagram aparece em outro momento, como um exemplo de plataforma digital cujo modelo de negócios é baseado no constante monitoramento do usuário, transformando-se num dos espaços centrais das reflexões acerca das fronteiras cada vez mais borradas entre público e privado.

### Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, salta aos olhos a contemporaneidade do conjunto, que finalizou reunindo textos publicados apenas entre 2016 e 2021, o que soa como um reflexo da crescente relevância cultural do Instagram, frente a outras redes sociais, nos últimos cinco anos. Também é notório ter sido 2016 o ano de inauguração dos *Stories* na rede, assim como da transição do *feed* cronológico, no qual as publicações apareciam em ordem de postagem, para o *feed* algorítmico, através do qual a plataforma desenvolve critérios variáveis para privilegiar algumas publicações em detrimento de outras.

Outro aspecto marcante é a recorrência das pesquisas de Giselle Beiguelman e Fernanda Bruno como referências no debate acerca das estéticas da vigilância. Aqui, vale uma observação: além do já mencionado livro de Bruno (2013), destaca-se também um trabalho prévio seu: o texto *Práticas artísticas e estéticas da vigilância* (LINS; BRUNO, 2010), escrito em co-autoria com Consuelo Lins, e que, apesar de não ter aparecido com frequência na dúzia de artigos analisados, é anterior ao livro *Máquinas de ver, modos de se* (BRUNO, 2013) e foi citado com frequência no conjunto inicial de textos que continham o termo *estética/s da vigilância*.

No artigo, as pesquisadoras apresentam “a transição entre o que chamaremos aqui de ‘regime clássico de estética da vigilância’ para um ‘regime contemporâneo da vigilância artística.’” (LINS; BRUNO, 2010, p. 211), ilustrados respectivamente pelo vídeo *Uma* (2005), do artista Caetano Dias, e o vídeo *Una tarde de amor* (2006), filmado pelo  *paparazzo* Miguel Temprano. Ambos os vídeos são apresentados como representativos da mudança de uma sociedade disciplinar, em que são evidentes as distinções entre vigia e vigiado, para uma sociedade na qual “vigiar e/ou ser vigiado faz parte do nosso comportamento cotidiano” (LINS; BRUNO, 2010, p. 214) e onde as fronteiras entre vigilância e espetáculo são cada vez mais turvas. Além das duas autoras, no conjunto de artigos analisados também se notou a frequência de referências aos

trabalhos de Gilles Deleuze, Michel Foucault, David Lyon e Paula Sibilia, reforçando a bibliografia já investigada na pesquisa.

No que concerne à maneira através da qual a estética da vigilância é abordada, observou-se que apenas no trabalho de Clayton (2019) há uma definição explícita do termo, mas restrita aos aspectos estéticos de produções audiovisuais, com ênfase na comédia televisiva. A questão específica do audiovisual também apareceu de modo marcado no artigo de Andueza e Mello (2018).

Nos demais trabalhos, observa-se a alusão a uma constelação de temáticas e autores/as em comum, frequentemente próximo do que é pontuado por Beiguelman (2021), ao afirmar que, se é possível falar em uma estética da vigilância, é por seus dispositivos trabalharem a partir de linguagens, retóricas e formatos que lhes são muito característicos. Dentre esses dispositivos foi observada a menção ao Instagram como uma plataforma através da qual desdobra-se a criação e popularização das mencionadas linguagens, retóricas e formatos, além de sua indissociável relação com as dinâmicas algorítmicas de vigilância, coleta e venda de superávit comportamental.

Todavia, a hipótese inicial levantada, do Instagram como um espaço privilegiado para a manutenção dos regimes de visibilidade contemporâneos, não se comprovou com consistência no levantamento realizado. Ao cruzar os termos *estética/s da vigilância e Instagram*, este último apareceu de modo secundário em relação ao primeiro. Desse modo, parece ser adequado um redesenho das rotas futuras desta pesquisa, optando por um caminho que parta de uma observação do Instagram não como uma rede detentora de um nível maior de importância no debate acerca das estéticas da vigilância contemporânea, mas como parte dela, inserida num cenário de vigilância mais amplo, e que inclui outras redes sociais e empresas. Ou seja, compreendendo o Instagram como apenas um dos vários componentes que contribuem para a manutenção dos atuais regimes de visibilidade e vigilância.

Por outro lado, destaca-se a arte, que apareceu em vários dos trabalhos analisados como um território fértil para o tensionamento e provocação acerca da naturalização dos atuais regimes de vigilância. Das provocações de artistas como Andy Warhol, Banksy e Ai Weiwei às experimentações e videoinstalações contemporâneas, e com trabalhos que em várias ocasiões exploram diretamente os recursos do Instagram, a arte contribui para a reflexão crítica acerca da atual cultura capitalista de vigilância, distribuída entre os

circuitos estatais e de entretenimento, emaranhada pelas frágeis fronteiras entre público e privado.

## Referências

ABREU, Danielle; LACERDA, Juciana. A publicidade no contexto das postagens efêmeras no Instagram: uma revisão integrativa. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 19, n. 34, 2020.

ALVES, Lorena. **Artsoundveillance: hibridização entre arte sonora e *artveillance***. Tese (Doutorado em Artes Visuais e em História das Artes). PPG em Artes Visuais da UnB e da Universidade de Granada. Brasília, 2021.

ANDUEZA, Nicholas; MELLO, Carlos. Mídias sociais digitais e pedagogias da vigilância: o caso do dublador Márcio Seixas. **Anais do XI Simpósio Nacional da ABCIBER**. Juiz de Fora, 2018.

ARAÚJO, Ana; PAIVA, Jordana; LACERDA, Juciano; MOLANO, Mar. Avaliação de campanhas de saúde: uma revisão integrativa sobre a construção de indicadores. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”**, v. 14, n. 2, p. 1-13, jul-dez 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 549-563, set. 2020.

BEIGUELMAN, Giselle. **Da cidade interativa às memórias corrompidas: arte, design e patrimônio histórico na cultura urbana contemporânea**. Tese de Livre-Docente. Dep. de História da Arquitetura e Estética do Projeto, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 2016.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu, 2021.

BOLIN, Göran; JERSLEV, Anne. Surveillance through media, by media, in media. **Northern Lights: Film & Media Studies Network**, vol. 16, p. 3-21, jun. 2018.

BRETT, Donna. On the street: photography and the city. In: ROSS, Jeffrey (org.). **Routledge handbook of street culture**. Nova York e Londres: Routledge, 2021.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CLAYTON, Stephanie. **Approaches to surveillance in contemporary british television comedy**. Tese (Doutorado em Filosofia). School of Art, Media and American Studies, University of East Anglia. Norwich (Reino Unido), 2019.

CORSO, Aline; ÁVILA, Camila; KUKUL, Vanessa. Economia criativa em tempos de pandemia: o caso do Museu do Isolamento no Instagram. **Anais do V Colóquio Interprogramas Secomunica**. Brasília, 2020.

DAVIES, Hugh. The Art of Surveillance: Surveying the Lives and Works of Andy Warhol and Ai Weiwei. In: ZAPPE, Florian; GROSS, Andrew (orgs.). **Surveillance | Society | Culture**. Suíça: Peter Lang, 2020.

DEAN, Brian. Instagram demographic statistics: how many people use Instagram in 2021? Disponível em: <https://backlinko.com/instagram-users>. Acesso em: 04 set. 2021.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

FLACH, Roberta; DESLANDES, Suely. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de saúde pública**, vol. 35, nº 1, jan. Rio de Janeiro, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRIER, Sarah. **No filter**: the inside story of Instagram. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2020.

LINS, Consuelo; BRUNO, Fernanda. Práticas artísticas e estéticas da vigilância. In: BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo (orgs.). **Vigilância e visibilidade**: espaço, tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LYON, David. Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. In: BRUNO (*et al.*). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

MACIOSZEK, Robinson. **La erosión de la mirada**: Reflexiones sobre la intimidad en la era de la vigilancia. Dissertação (Mestrado em Produção e Investigação Artística). Facultat de Belles Arts de Sant Carles. Valência, Espanha, 2020.

PEREIRA, Marília. **Éthos em rede**: dinâmicas, apropriações e implicações éticas do éthos conectado no Facebook. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo). ESPM, PPg em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, 2016.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. Você é o que o Google diz que você é. In: BRUNO (*et al.*). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

SOUZA, Marcela; SILVA, Michelly; CARVALHO, Rachel. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, p. 102-6, 2010.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.